

PREGUINHO E DONA PREGUIÇA: A CIÊNCIA COMO VALIDAÇÃO PARA A CULTURA

Preguinho and Dona Preguiça: science as validation for culture

Miani Corrêa Quaresma¹

Universidade Federal do Pará – UFPA, Email: mianiquaresmac@gmail.com

Emilay Thamiely Tavares de Sena²

Universidade Federal do Pará – UFPA, Email: emilaytavares96@gmail.com

Eduardo Paiva de Pontes Vieira³

Universidade Federal do Pará – UFPA, Email: eppv@ufpa.br

Resumo

A relação entre o gênero textual Lenda e o ensino de ciências pode ser explorada em múltiplas perspectivas, sobretudo, pela possibilidade de imbricamento entre realidade e imaginário. No presente trabalho, objetivamos analisar como a racionalidade científica pode interferir nos processos de ressignificação das narrativas a partir da análise de um episódio do programa televisivo “Catalendas” sobre a lenda amazônica do Mapinguari. A análise discorre sobre os personagens e suas interações, considerando teorizações do filósofo Michel Foucault e premissas presentes nos denominados Estudos Culturais. A leitura analítica do episódio permite auferir que na construção da narrativa são apresentadas relações de saber e poder capazes de produzir, subjetivar e sujeitar, nestes termos, contrapondo saberes populares e discursividade científica, o que pode incidir em espaços escolares configurando valores, pensamentos e ações de ensino.

Palavras chave: ensino de ciências, lendas, racionalidade científica.

Abstract

The relation between the textual genre Legend and science teaching can be explored from multiple perspectives, especially, through the possibility of embedding reality and imagination. In the present work, we aim to analyze how scientific rationality can interfere in the processes of ressignification of narratives from an episode's analysis of the television program “Catalendas” about the Amazonian legend of Mapinguari. The analysis discusses the characters and their interactions, considering the theories of the philosopher Michel Foucault and conceptions present in the so-called Cultural Studies. The analytical reading of the episode allows us to conclude that in the construction of the narrative relations of knowledge and power are presented, capable of producing, subjectivizing, and subjecting, in these terms, opposing popular comprehension and scientific discursivity, which can reach school spaces, configuring values, thoughts and teaching actions.

Key words: science teaching, legend, scientific rationality.

As lendas e o Ensino de Ciências

O uso dos saberes populares no contexto das aulas de ciências é entendido por Della Monica (1989) como ferramenta de motivação para o ensino de conceitos científicos, uma vez que os estudantes, por meio de alguma familiaridade com o contexto social, podem apresentar maior facilidade para associar e dar sentido aos conceitos.

Nesta perspectiva, em contextos singulares, há destaque para o ensino atrelado a cultura. No Brasil, este movimento (ensino de ciências com viés cultural) é densamente utilizado, haja vista a pluralidade e os diferentes contextos culturais em um país de dimensões continentais. Soares e Negrão (2021) destacam que na região norte brasileira as lendas amazônicas são comumente exploradas no ensino de ciências, por sua grande potencialidade didática-conceitual para abordar, especialmente, conceitos inerentes às questões da preservação ambiental.

Contudo, Gonçalves (2018) alerta para necessidade de fazer uso das lendas de modo que o conhecimento científico não se sobressaia ao saber popular e vice-versa, preconizando, portanto, que as lendas em consonância com o ensino de ciências ocorram de maneira equivalente. Neste sentido, o conhecimento científico, linearmente produzido, não deve ser utilizado para validar os elementos fantásticos das lendas, construídos por particularidades em contextos ímpares, e nem que estas sejam utilizadas de modo a serem colocadas às margens da consciência humana.

O contexto amazônico, com sua exuberância florestal e variados elementos da natureza, exercem uma significativa influência na formação de muitas lendas, como forma empírica de explicar o princípio das coisas, inspirando-se, muitas vezes, no respeito pela natureza (FONSECA, 2021). A reflexão, direcionada especificamente para as lendas amazônicas, compreendidas como artefatos culturais estabelecidos a partir da troca de vivências de povos nativos¹ com o *chão* da floresta engendram múltiplas possibilidades de exploração deste gênero textual em práticas de ensino.

Capuchu (2009) explica que a etnologia desses povos é demarcada pela sua sobrevivência em uma realidade fantástica, advinda da significação que estes atribuem à importância da preservação do seu habitar, representada especialmente pela criação de figuras lendárias, como o Mapinguari ou o Curupira, cuja finalidade, na grande maioria dos casos, é a punição de maus feitores.

Fonseca (2021) afirma que na região amazônica, as Lendas, como gênero textual narrativo, se caracterizam por sua natureza fantástica e impressionante, visto que, na tentativa de explicação dos fatos em geral, em seu universo temático, com referência à verossimilhança, tudo é possível ao considerarmos os processos criativos das narrativas.

Acerca da criação de lendas, Gonçalves (2011), ao pensar com Ibid (2003), afirma que uma das formas de darmos significados às coisas é a maneira como as representamos, seja por meio de palavras ditas, histórias contadas ou imagens produzidas (sendo todas transmitidas

¹Entendemos nativos como os que não somente tenham nascido em um determinado local ou região, mas como aqueles que incorporam costumes e crenças, aceitando, compreendendo e fazendo parte do universo cultural de determinadas regiões. Este conceito converge com o já discutido por Castro (2002) em seu artigo *O nativo relativo*.

em uma linguagem traduzida pela cultura oral). E é este significado que ajuda a construir parte de nossa identidade, uma vez que essa construção está associada à forma como a cultura é utilizada para demarcar e sustentar a identidade e a diferença entre grupos. Assim, as narrativas orais podem funcionar como ferramentas eficazes no contexto escolar, ressignificando experiências, além de proporcionar a compreensão da identidade construída no presente e reflexão sobre valores e crenças locais (FONSECA, 2021).

A presença de gênero textual “Lendas Amazônicas” é uma constante nos espaços de interação da Região Norte do Brasil, circulando através de múltiplas formas e invariavelmente com narrativas adaptadas em diferentes meios audiovisuais. Nesta perspectiva, dirigimo-nos ao programa Catalendas, de cunho didático-infantil, transmitido pela TV Cultura Pará desde 1999 para problematizarmos ciências, ensino e cultura em um contexto eminentemente amazônico.

Nossa questão de pesquisa é direcionada para analisar em que termos a racionalidade científica pode interferir nos processos de ressignificação das narrativas, neste caso, a lenda amazônica do Mapinguari. Deste modo, devemos conjecturar sobre as formas de atuação do Poder, cujo efeito pode disciplinar ou moldar as narrativas no episódio e como esta discursividade científica pode incidir em espaços escolares configurando valores, pensamentos e ações no ensino de ciências.

Catalendas: Preguinho e Dona Preguiça

O programa Catalendas aborda temas referentes a lendas e histórias da Cultura Popular. Este possui mais de 100 episódios com duração de cerca de 15 minutos cada. O programa utiliza-se das narrativas cotidianas dos amazônidas para contação dos contos regionais, sendo que estes não são apresentados necessariamente como são repassados pela cultura oral local; deste modo, os episódios possuem características únicas que são introduzidas através de releituras.

A ambientação dos cenários diversifica-se com o decorrer do enredo apresentado, sendo escolhidos através de parceria da TV Cultura Pará com o grupo “*In Bust Teatro Com Bonecos*”. O folclore² e a cultura amazônica, em específica a do estado do Pará, são introduzidos no programa através dos personagens Preguinho e Dona Preguiça, sendo estes fixos do Catalendas (Figura 1).

Figura 1: Preguinho e Dona Preguiça no momento da contação dos contos regionais do folclore amazônico



Fonte: reprodução TV Cultura

² Entendemos para esta pesquisa o folclore como uma série de elementos constituintes das tradições, crenças e saberes populares (CASCUDO, 2001).

Os bonecos da Figura 1 do grupo “*In Bust Teatro Com Bonecos*” são manipulados de forma criativa para contação da temática folclórica trabalhada nos episódios. A narrativa é introduzida com o Preguinho contando algo que lhe ocorreu para Dona Preguiça, ocasionando a correlação da história contada com alguma lenda/narrativa local. É válido ressaltar que a escolha pelo Preguinho (macaco-prego) e Dona Preguiça é dado, dentre outros motivos, por serem espécies que são reconhecidas localmente na Amazônia Oriental, e pelo que se denomina de fofofauna³: animais amados, dóceis e bem apreciados culturalmente.

Muitas das narrativas contadas nas histórias do programa possuem como berço comunidades ribeirinhas do interior paraense, muitas das quais vivem socialmente afastadas dos centros urbanos. Nota-se que as narrativas apresentadas adentram a um campo específico que tem como foco a ampliação do conhecimento cultural destes povos. Este processo é o que se denomina de folkcomunicação: quando ocorre a integração dos discursos populares por intermédio dos processos comunicacionais (AMPHILO, 2011).

Partindo destes discursos que são incorporados e reconstruídos/repassados/moldados, temos como objetivo analisar como a racionalidade científica interfere nos processos de (re) construção do imaginário amazônico, mais especificamente em um episódio apresentado no programa Catalendas, e como esta pode influenciar a construção do conhecimento científico no ensino de ciências através do borramento das formas de representações já estabelecidos na cultura local.

Este estudo justifica-se, a partir de uma discussão teórica, pelo fato de a televisão ser utilizada como artefato para a aprendizagem: seja para construção de identidade cultural ou para alterações sobre temas diversos, como os socioambientais. Neste sentido, nossa hipótese é que o programa televisivo pode validar um **pensamento coeso** quando utilizado no ensino de ciências, submetendo os estudantes a uma atividade intelectual na perspectiva técnico-científica, mesmo utilizando metodologias que apresentam uma pretensa intencionalidade de avigoramento cultural, haja vista que as releituras das lendas podem ser apresentadas em um molde para uma formação em face de uma dada racionalidade técnico-científica.

Dentre os episódios apresentados no Catalendas a pluralidade é de cunho regional, todavia, alguns destacam-se por escapar desta regionalidade. Um desses episódios é o do Mapinguari, cuja narrativa pode ser estendida nacionalmente, a exemplo, quando este ser encantado⁴ foi fonte de inspiração para uma música que envolveu o festival Parintins⁵, descrevendo-o:

[...] Um raio de luz caiu sobre a terra
Aviso do deus do trovão
Estrondo terrível que abala a floresta
Prenúncio de destruição

Surgiu das cavernas um monstro maldito
Um bicho enviado por Jurupari

³ Não é um conceito definido cientificamente por um autor que o discuta. Porém, animais que são compreendidos como pertencentes a fofofauna são utilizados no processo de ensino e aprendizagem, por mais que não se tenha esta intencionalidade (LEAL, 2021), com o intuito de envolver os estudantes em contextos de preservação e compreensão de temáticas que envolvam contextos culturais e processos de conservação de espécies, por exemplo.

⁴ Na perspectiva Amazônica denomina-se de *ser encantado* as entidades que dão corpo aos personagens principais das lendas: seja o Boto, a Iara e, neste estudo, o Mapinguari.

⁵ Festival de abrangência nacional. O nome deste festival é dado pela Ilha onde ocorre, situada à margem direita do Rio Amazonas, fazendo divisa entre os estados do Amazonas e do Pará (FARIAS, 2005).

Nesta perspectiva o Mapinguari é retratado com intensa monstruosidade. Com efeito, outras narrativas o descrevem como um ser encantando que preserva a floresta. Mello (2003) destaca um conto com esta perspectiva, quando descreve o Mapinguari como aquele que impediu o corte de uma árvore:

Quando dei a primeira machadada no lombo do tronco, primeiro senti um bafo fedorento e depois um esturro a modo de onça. Me virei e olhei: nunca vi figura mais horrível. Era como se fosse um homem, só que não era homem. Nem macaco grande. De pé, me olhando, era da minha altura, só que todo ele coberto de cabelo preto e espinhoso, a cabeça enorme emendava com os ombros, no lugar do pescoço se abria uma boca enorme, aberta e atravessada e os dentes eram disconformes. (MELLO, 2003, p. 46, destaques meus).

Percebe-se que apesar deste ser encantando não possuir unicidade em sua retratação, há em sua narrativa uma caracterização capaz de afastar pessoas da floresta, especialmente por meio de seu aspecto físico e de hostilidade. Neste sentido, para este estudo adotaremos a interpretação do Mapinguari como aquele que protege o bioma amazônico; assim, em associação ao ensino de ciências, falar sobre a lenda do Mapinguari pode ser concebido em uma perspectiva de proteção socioambiental e que produz identidades culturais, formadas e repassadas por um discurso que permanece ao longo dos tempos (HALL, 2016).

Adotamos o episódio do Mapinguari como objeto empírico a ser discutido. O episódio em questão, que possui 17 minutos e 28 segundos, pode ser assistido na íntegra no canal do *YouTube* TV Play Tube, através da *Playlists* Catalendas.

Para analisar este episódio concordamos com o fato de que quando se pondera sobre ensino de ciências partindo de contos de lendas se remete a um espaço da relação saber/poder. Neste espaço as relações são múltiplas, as quais “atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 179). Neste sentido, pode ocorrer supressão e marginalização da diversidade epistemológica, o que para Santos & Meneses (2009) se denomina como Epistemicídio (limitação do conhecimento local por um conhecimento importado - que se encontra, para as reflexões aqui adotadas, na ordem do poder do discurso circundante - científico). O resultado da destruição do conhecimento se expande desde o seu silenciamento ao desperdício de experiências historicamente acumuladas pela população tradicional (HOROKOSKI; SANTOS; OLIVEIRA, 2020).

A leitura do episódio é estabelecida para entendermos os dispositivos que os entrelaçam, pois, o objetivo desta pesquisa vai ao encontro de “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas. Em suma, o dito e o não dito” (FOUCAULT, 1979, p. 244). Ou seja, para esta pesquisa, a análise se dará operacionalizada em um material linguístico do episódio, ao qual “O discurso se (re)produz, se dissipa e se multiplica, ou seja, em uma palavra circula, através de nossas práticas languageiras, claro está, mas precisa ser deduzido delas” (PASSOS, 2019, p.2), determinando formas de comportamento (no caso o que se pretende transmitir com a releitura dos episódios)

e suas respectivas funções (dentro do ensino de ciências).

De modo mais específico, a análise para o episódio da Lenda do Mapinguari é dada através de artifícios metodológicos ligados ao controle dos gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos dos personagens; ou seja, o material linguístico presente no episódio. Daremos destaques as relações postas entre os personagens, tal como seus atos de fala e em que termos/condições estas são inseridas, explicitando seu contexto e suas implicações.

Catalendas e a racionalidade científica

O Mapinguari é parte do folclore amazônico, descrito como um ser mitológico coberto por uma pelagem vermelha, com cerca de três metros de altura, com um único olho e uma boca no estômago, mas que parece um homem, habitando a floresta amazônica (Figura 2). Este ser mitológico é descrito como agressivo, assassino, assustador, além de ser excessivamente monstruoso, perigoso e com uma taxa elevada de mortalidade para aqueles que pretendem o desafiar (VELDEN, 2016).

O episódio do Mapinguari no programa Catalendas é retratado com quatro personagens: Seu Tonho e um grupo de três pesquisadores estrangeiros (nacionalidade não identificada no episódio) – Doutora Sofia, Mister Edi e Seu Pedro. Seu Tonho é um caçador que conhece a floresta amazônica muitíssimo bem. Por conta disso, é procurado por este grupo de pesquisadores que o contratam, após oferecer dinheiro, para que ele se torne o guia do grupo na floresta. Em um primeiro momento o Seu Tonho recusa a oferta por saber dos riscos que será submetido ao caçar o Mapinguari, haja vista que seu conhecimento sobre a criatura é capaz de produzir condutas, elaborar sentidos, construir identidades e subjetividades que são específicas ao discurso cultural ao qual está inserido (HALL, 2016).

No enredo do episódio, embora conhecedor dos riscos, Seu Tonho cede e aceita a proposta, pois seria mais fácil correr o risco de morte do que ficar sem dinheiro, por mais que culturalmente sejam impostas interdições que controlam seu comportamento (FOUCAULT, 1996) de ir ao encontro de seres encantados; para o grupo de pesquisadores sua fala é simplesmente ignorada, não tendo importância, neste sentido Seu Tonho é silenciado pelo discurso científico (materializado pela *racionalidade* do grupo de pesquisadores) que descredibiliza o seu conhecimento, cultura e identidade.

Em contraponto, os pesquisadores tem como principal objetivo ir além de conhecer o Mapinguari: o desejo de comprovar a sua existência por intermédio do método científico. Estes não têm medo do ser encantado, talvez até não acreditem nele. O foco do grupo é o ganho para a ciência, logo, o ganho pessoal com o resultado desta comprovação através do método científico. Este método consiste em uma busca ativa na floresta, tiros de dardos tranquilizantes e observação do Mapinguari.

Após uma longa caminhada floresta amazônica a dentro o grupo encontra o Mapinguari. O grupo de pesquisadores e Seu Tonho entram em uma ambientação de fuga-perseguição com este ser encantado, o que resulta pelo devoramento de Seu Pedro. Este embate de tensão no episódio termina quando a pesquisadora Sofia consegue atingi-lo com tiros de dardos tranquilizantes. Após a criatura lendária cair em um estágio de quase dormência, aquela se aproxima do Mapinguari, ignorando as advertências de Seu Tonho. O grupo de pesquisadores (que neste momento já é um par de pesquisadores) não consegue fotografar o Mapinguari, apenas comprova que: “o senhor tem razão [Seu Tonho] - O melhor é a gente ir embora” (15 minutos e 42 segundos do episódio). Nota-se neste momento que o conhecimento cultural é validado somente após a constatação científica. Este comportamento é reafirmado pelo

Preguinho e Dona Preguiça quando concordam que a pesquisadora agiu corretamente, preservando o Matinguari, seja ele “animal ou entidade da floresta” (16 minutos e 10 segundos do episódio).

Figura 2: Imagem do Matinguari personificada no programa Catalendas através dos bonecos do *In Bust Teatro Com Bonecos*



Fonte: reprodução TV Cultura.

A comunicação científica, amplamente propagandeada pelas mídias favorecem, pelo intermédio de programas televisivos, filmes e/ou séries, o avigoramento do ensino de ciências, haja vista que discutem assuntos que permitem aos estudantes conhecer as dimensões culturais, de identidade e ambientais, tal qual preconizado em certa medida nos Parâmetros Curriculares Nacionais, que no âmbito das disciplinas de Ciências (BRASIL, 1998) dispõem sobre a necessidade de se assentar, no planejamento curricular, o encontro das dimensões pertinentes sobre ciência, tecnologia e sociedade (e nesta as lendas, o folclore, enfim, todo o processo cultural).

Deste modo, quando se reflete sobre as lendas amazônicas percebe-se que o ensino de ciências, no âmbito das denominadas ciências naturais e desta enquanto patrimônio da humanidade (PIERSON; HOSOUME, 1997) auxiliam na compreensão do significado humano de aquisição de cultura e, dentre outras coisas, o avigoramento dos conteúdos disciplinares. Todavia, não se pode utilizar-se de um discurso científico (ao qual é estabelecido em outros meios e relações de poder) como meio interpretativo ou de corroboração de uma narrativa já estabelecida em um círculo cultural, pois se tem o risco de esvaziamento de contextos e simplificações, como representado durante todo o episódio do Matinguari: o cientista que tenta comprovar sua existência, justificando isso como **ganho** para a humanidade.

Nota-se, quando se observa o já apresentado, que o discurso científico exibido no episódio autoriza o pensamento técnico-científico, com foco no materialismo capital, utilizando recursos de mais valia (tal como quando é oferecido dinheiro ao caçador Seu Tonho), para aplicação da autoridade do cientista: indivíduos brancos, chamados de doutores, de outra nacionalidade, que utilizam a identidade cultural amazônica para reafirmar o método científico.

Observa-se que por mais que se tenha como tentativa partir do imaginário amazônico para construção de uma identidade amazônica, o processo de racionalização técnica invade este domínio para a racionalização dos artefatos culturais, abarcando a arte e história, por

exemplo. Há embrião no episódio analisado uma vontade de verdade que expressa o científico na sociedade cultural amazônica, através da exclusão de outras formas de discurso (no caso o do imaginário local) para um processo de regressão, empobrecimento e alienação da identidade cultural; esta é dada para o favorecimento da interpretação do que já é historicamente construindo no processo de validação em uma reconstrução sobre a ótica do cientismo.

Ao utilizar o programa Catalendas, tal como qualquer outro programa que difunda discursos **coesos e lineares** no ensino de ciências deve-se ter cautela, pois a racionalidade científica pode ocasionar a propagação de rupturas com as tradições e as lendas e, conforme alerta Horkheimer (2000, p.10): “O avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização”, o que já é característico dentro da racionalidade técnica de pensamento. Ou seja, a ciência como forma de se conhecer tecnicamente o imaginário amazônico anulando a interpretação da realidade e os comportamentos de uma sociedade.

Nota-se que no decorrer do episódio são apresentadas formas de poder para aceitar subjetividades e simbolismos da cultura científica, sendo estas já utilizadas como *corpus* de validade da cultura amazônica. Esta é traduzida em um processo expansivo de dominação que não só assujeita indivíduos, mas a cultura, comportamento e releituras culturais, tal como quando a identidade do cientista é colocada em um patamar de corroboração da identidade já conhecida e aceita - pelos nativos - do Mapinguari. Tal dominação também adentra o ensino de ciências, direcionando para reflexões lineares, ao qual fazem parte do processo civilizatório contemporâneo; estas, por sua vez, configuram valores, pensamentos e ações escolares e de ensino.

Agradecimentos e apoios

Agradecimentos à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela concessão da bolsa de doutorado a primeira autora, ao PPGECM (Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemáticas) e ao IEMCI (Instituto de Educação Matemática e Científica) pelo incentivo a esta pesquisa.

Referências

- AMPHILO, M. I. folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 15, n. 15, p. 193–212, 2011.
- CASTRO, E. V. DE. O nativo relativo. **Mana**, v. 8, n. 1, p. 113–148, 2002.
- CAPUCHU, K. M. **Lendas Amazônicas: os vários prismas**. Manaus, 2009. Disponível em: <https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/1648/2/Kaliny%20Magalh%C3%AAs%20Capuchu.pdf>. Acesso em: 01 de out. de 2022.
- DELLA MONICA, L. **Manual do Folclore**. São Paulo: Global, 1989.
- FONSECA, T. B. DA. O gênero textual lendas amazônicas no âmbito escolar: caminhos para a formação da identidade cultural e ressignificação da cultura. **Contra Corrente**, v. 1, n. 16, p. 294–310, 2021.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

GONÇALVES, M. L. M.R. **Instalação Memento Mori de Walmor Corrêa como artefato de divulgação científica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Universidade Estadual de Campinas Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2011.

HOROKOSKI, G. F.; SANTOS, A. P. DOS; OLIVEIRA, M. A. DE. Saberes etnobotânicos: à beira do esquecimento ou rumo a resiliência. **Revista Eletrônica Interdisciplinar**, v. 2, n. 2, p. 233–239, 2020.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. São Paulo: Centauro, 2000.

HALL, S. **Cultura e Representação**. 1º ed. PUC: Rio. Apicurui, 2016.

LEAL, C. A. **A “Fofofauna” é retratada em uma coleção do PNLD de Ciências Anos Finais 2020?** IV Encontro de Licenciaturas e Pesquisa em Educação do IF Goiano (ELPED). IV Seminário do Programa Residência Pedagógica Goiano, VI Seminário de Iniciação à Docência do IF Goiano (Pibid) e o II Seminário Internacional de Professores Goias. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/355796892_A_FOFOFAUNA_E_RETRATADA_EM_UMA_COLECAO_DO_PNLD_DE_CIENCIAS_ANOS_FINALS_2020. Acesso em: 04 de nov. 2022.

PIERSON, A. H. C., HOSOUME, Y. O cotidiano, o ensino de física e a formação da cidadania. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências, 1997, Águas de Lindóia – SP. Atas. Porto Alegre: Instituto de Física – UFRGS, 1997. p.86.

PASSOS, I. C. F. A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, n. 35425, p. 1–11, 2019.

SANTOS, B. DE SOUSA.; MENESES, M. PAULA. **Epistemologias do Sul**. 1. ed. Almedina, 2009.

SOARES, I. M. A.; NEGRÃO, F. C. **Cultura Amazônica e o Ensino de Ciências: uma abordagem interdisciplinar**. In Congresso Nacional de Pesquisa e Ensino em Ciências. 2021. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/77023>. Acesso em: 04 de nov. 2022.

VELDEN, F. F. VANDER. Realidade, ciência e fantasia nas controvérsias sobre o Mapianguari no sudoeste amazônico. **Boletim do Museu Paraense do Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 11, n. 1, p. 209–224, 2016.